



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Auto da resistência cultural: uma análise sobre o filme *Ex-Pajé*¹

Mayane Lima²

Laísa Lima³

Renan Albuquerque⁴

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

O artigo trabalhou com a análise do filme *Ex-Pajé*, que traz em seu cerne um contexto que advém da particularidade indígena sendo esta ignorado pela ocupação dos brancos na aldeia Paiter Suruí em 1969, pois de acordo com a visão do pastor levar “mais almas para Cristo”, significa submetê-los ao holocausto cultural de suas raízes indígenas, vistas como demoníacas. Perpera o ex-pajé, vê-se obrigado a abandonar sua prática ancestral. Nesse sentido, a investigação proposta tem como objetivo refletir sobre os processos comunicacionais que permeiam o contexto indígena no filme a partir da perspectiva Folkcomunicacional. Optamos por uma pesquisa qualitativa, pois esta trabalha com o universo de significados, crenças e valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, que não podem ser reduzidos à operacionalização.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Cultura; Índios; Ancestralidade; Ex-Pajé.

Abstract

The article worked with the analysis of the film *Ex-Pajé*, that brings in its core a context that comes from the indigenous particularity being ignored by the occupation of the whites in the village Paiter Suruí in 1969, because according to the vision of the shepherd take "more souls for Christ," means subjecting them to the cultural holocaust of their indigenous roots, for these are seen as demonic. Perpera the ex-pajé, is forced to abandon his ancestral practice. In this sense, the proposed research aims to reflect on the communicational processes that permeate the indigenous context in the film from the Folkcommunicational perspective. We opted for a qualitative research, because it works with the universe of meanings, beliefs and values, which corresponds to a deeper space of relationships, which can not be reduced to operationalization.

Keywords: Folkcommunication; Culture; Indians; Ancestrality; Ex-Pajé.

¹ Trabalho apresentado no GP Cultura, Meio Ambiente e Ancestralidade da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Mestranda do Curso de Ciências da Comunicação, PPGCCOM-UFAM, email: mavanejornalista@gmail.com

³ Mestranda do Curso de Ciências da Comunicação, PPGCCOM-UFAM, email: maidalaisa@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Coordenador do Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/UFAM, email: renanalbuquerque@hotmail.com)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Introdução

A proposta foi discorrer, dentro da temática *Cultura, Meio ambiente e Ancestralidade*, acerca de processos comunicacionais que permeiam o contexto indígena no filme *Ex-Pajé*, dirigido por Luís Roberto Bolognesi. O viés que instigou a reflexão foi a perspectiva folkcomunicacional. Trabalhando o conceito de animismo (DESCOLA, 2006; LÉVI-STRAUSS, 1968, 1997), pressupomos a comunicação indígena enquanto transcendente à comunicação ocidental tradicional e inferimos, a partir daí, o conceito de folkcomunicação para interpretações sobre particularidades ancestrais expostas no filme. No longa, o protagonista Perpera Suruí discorre sobre o tempo em que era pajé e enfoca o saudosismo das memorialidades da etnia. O protagonista aborda ainda acerca das sabedorias em ampla medida subsumidas pelo avanço do cristianismo em ambientes indígenas.

Implicações concernentes à cristianização de povos originários norteou a contextualização da problemática, mediante a qual tendemos a interpretação. Foi base epistemológica do estudo a ideia de que há linhas essenciais de concepção a separar cosmologias de branco e de nativos ameríndios: são dois mundos concorrentes, com visões criacionistas diferenciadas (BOAVENTURA, 2000). Ao situarmos relações entre os Suruí e Igreja cristã a pretensão foi sublinhar silenciamentos sobre a ancestralidade e estratégias de acepção e arregimentação de elementos formativos de espiritualidades dos indígenas.

Parece ser razoável considerar que reflexões supostas na pesquisa podem contribuir para o interesse em entendimentos sobre “ex-pajés”, visto que Perpera não é o único a declarar sua dualidade de vida espiritual, após implicações relacionadas à aceitação do cristianismo. “Ex-pajés”, em suma, são conhecimentos entre indígenas por serem antigos curandeiros tradicionais que vêm reconformando seus conhecimentos ancestrais e, com isso, modulam novas crenças, atitudes, valores e ideologias em função de marcos conceituais cristãos.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Folkcomunicação um marco nas ciências da comunicação

Com o fim do período democrático no Brasil, em 1964, o regime militar passou a ter o controle político no Brasil. O autoritarismo era base do então governo estabelecido, conhecido por representar o período da ditadura militar. “Os membros do governo não se mostravam postos a dialogar com os diversos setores da sociedade” (COTRIM, 2002, p. 557). A folkcomunicação nasceu nesse período de grande conturbação política. Portanto, em um momento ímpar da história do Brasil. O jornalista, Luís Beltrão, criador da teoria, já despontava sobre a mesma no ano de 1965, mas o advento de fato foi em 1967, quando o jornalista consolidou seu trabalho.

Beltrão se tornou o primeiro doutor em Comunicação com título em universidade brasileira. Sua tese, *Folkcomunicação: um Estudo dos Agentes e Meios Populares de Informação de Fatos e Expressões de Ideias*, construiu e lançou a Teoria da Folkcomunicação. Por conflitos da ditadura no período, o título de Beltrão foi cassado e só restituído no ano de 1984 (MARTINS, 2014, p. 28).

A sensibilidade de Beltrão contribuiu para a partilha de conhecimentos referentes à cultura daqueles que não tinham voz e nem vez, em um período em que o poder foi centralizado nas mãos de militares, empresários estrangeiros e nacionais. “Por meio do conteúdo dos ex-votos, ele constatou mais que a divulgação da fé, e sim o reflexo da existência de dois *Brasis* – um elitizado e outro socialmente marginalizado” (MARTINS, 2014, p. 29).

A pesquisa se baseava em analisar agentes da comunicação que não obtinham a vantagem de estar nos meios de massa e, assim, parecia não se ajustar, no caso, uma definição simplista de emissor e receptor. Luís Beltrão trouxe uma nova perspectiva para a comunicação, sugerindo que não era o início (emissão) ou o fim (recepção) o que mais importava, mas sim o caminho (meio). McLuhan (2007), a seguir, dominaria boa parte do cenário teórico usando a mesma base de pensamento, postulando que “o meio é a mensagem”.

Uma vez que grande parcela dos intelectuais da época permaneciam sob vigília da ditadura, tendo de voltar seus estudos ao Brasil elitista, Beltrão deu vida à teoria brasileira compondo-a num ecossistema comunicacional culturalmente marginalizado.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

[...] através de um modelo de comunicação que depende do conhecimento do ecossistema cultural e folclórico, do habitus, do *modus vivendi*, do *modus operandi*, da *doxa*, como a maneira pessoal de filtrar as informações recebidas, estabelecendo pré-conceitos (conceitos pré-concebidos sobre determinado assunto e resistente a inovações), além do desconhecimento da formação da sociologia brasileira e dos problemas decorrentes dela. Essa lacuna da sociologia brasileira é preenchida com as pesquisas de Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Edison Carneiro, Arthur Ramos, entre outros citados adiante (AMPHILO, 2012, p. 19).

A folkcomunicação foi uma das teorias que ressignificou o ser brasileiro, sobretudo por ter sido estabelecida em um momento tão delicado da política, economia, comunicação e de demais setores da sociedade. Era um tempo em que o país estava fragilizado socialmente. O olhar refinado do jornalista contribuiu para a disseminação de informações referentes à comunicação popular.

Comunicar aqui é questão de sobrevivência. A comunicação através dos ex-votos tem dois vieses, percebidos por Beltrão: um é o protesto pelas condições de sobrevivência, em que vive o povo; outro é a expressão opinativa popular sobre as questões veiculadas pelos meios massivos de comunicação, sobre “problemas do momento” (AMPHILO, 2012, p. 06).

Com raízes no campo da teoria hipodérmica ou teoria da bala mágica, a folkcomunicação analisava de que forma mensagens chegavam às pessoas e como elas conseguiam manipular sua ação em função de publicidades e propagandas. “[...] O público parecia não oferecer resistência — a sedução da imagem e do som parecia ter atingido sua primeira decisiva vitória como se fosse injetada, daí a metáfora da agulha” (MARTINO, 2014, p. 189). A folkcomunicação abraçava grupos subalternos, fossem eles marginalizados ou culturalmente marginalizados.

O objeto dos estudos *folk*, portanto, dialoga com o tema da investigação aqui inferida, dado apontar na perspectiva acadêmica da resistência a repressões socioculturais, de silenciamentos e da supressão de ancestralidades. A ditadura, exatamente na época, também fomentava a ideia de que a multiplicidade de religiões e/ou cultos era pernicioso no Brasil. Era disseminada a “informação oficial” e as



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

comunicações inerentes a ela a favor de interesses de grupos espirituais hegemônicos. A teoria de Beltrão está intrinsecamente ligada ao fomento da cultura livre, da sustentabilidade do meio ambiente e da memória coletiva.

Particularidade ancestrais: “foram os espíritos dos nossos inimigos que mandaram a cobra”

Perpera, protagonista do filme *Ex-Pajé*, é da etnia Paiter Suruí. Ele é habitante da terra indígena Sete de Setembro, em Rondônia. O diretor Luís Roberto Bolognesi relata em suas entrevistas que o próprio Perpera apresentou-se como ex-pajé. A angústia de Perpera por ser um ex-pajé é retratada com maestria e pungente veracidade no longa.

[...] ele tinha 20 anos quando seu povo [os Paiter Suruí] fizeram o primeiro contato com os brancos, em 1969. Até aquele momento, Perpera era um pajé poderoso, depositário do saber ancestral. Mas, com os brancos, chegou o pastor evangélico que passou a dizer que xamanismo é coisa do diabo. O ex-pajé sabe que os espíritos da floresta estão bravos, já que ele não reza mais nem toca as flautas sagradas. Com medo, dorme sempre com a luz acesa. (BURITI, 2018).

Em publicações históricas divulgadas na época da ditadura pouco se falava sobre a invasão militar, os extermínios e massacres a povos originários. Todavia, hoje já se tem notícia de que aproximadamente 5 mil indígenas foram assassinados durante o regime (SCHWADE, 1990; SCHWADE e SCHWADE, 2012; SCHWADE e REIS, 2013; RODRIGUES e FEARNESIDE, 2014). No período ditatorial, em terras indígenas o abuso e o holocausto foram inerentes ao processo de desenvolvimentismo. Resultado dessa prática é que a Amazônia ainda hoje é vista como a terra que precisa ser usada, desmatada, expandida, colonizada, estando sempre ociosa à espera da humanidade civilizadora. A ociosidade presumida por colonizadores desde o século XVI (cf. SOUZA, *op. cit.*, 2010) justificaria a invasão a ambientes amazônicos de pertença histórica a povos originários.

[...] o Papa Paulo III respondeu afirmativamente na bula *Sublimis Deus*, de 1537, e fê-lo concebendo a alma dos povos selvagens como um receptáculo vazio. Com base nestas concepções abissais de



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

epistemologia e legalidade [...] a violência é exercida através da proibição do uso das línguas próprias em espaços públicos, da adoção forçada de nomes cristãos, da conversão e destruição de símbolos e lugares de culto (SOUSA, 2010, p. 29).

Reconfigurações de parentesco, consanguinidade, compadrio e cosmologia foram, em ampla medida, ocasionadas por força desse cativo cultural, em que a beligerância dominante no Brasil ditava o que podia ou não podia ser incentivado politicamente. Em contrapartida o meio em que etnia viviam e ainda vivem era tomado por novas práticas. “Quando eu era pajé, as pessoas me procuravam pra pedir conselho e proteção. Hoje, só tomam aspirina” (cf. PERPERA, Perpera in *Ex-Pajé – Trailer Oficial*, 2018, 0’25’’). O contexto do filme aborda fortemente o viés da identidade de Perpera em relação à aldeia onde vive. Em um dos diálogos com seu sobrinho relata:

— Você tem vontade de voltar a ser pajé?

— Não é possível! Depois que o pastor disse que pajé era coisa do diabo, ninguém mais falou comigo. Viravam o rosto pra mim.

— Viravam o rosto?

— Sim. Só voltaram a falar comigo depois que eu fui para igreja” (Trecho de cena – Trailer - in *Ex-Pajé*, 2018, 0’07’’).



Figura 1. Perpera Suruí, cena documentário *Ex-Pajé*. 2018. Buriti Filmes.
Fonte: Estadão

O diálogo sublinha o conflito vivido por Perpera quando se tornou um indivíduo culturalmente marginalizado em relação a sua aldeia, tendo de omitir a identidade



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

ancestral e reprimir o saber que aprendera, em troca de aceitação e sociabilidade com os seus. O filme descreve uma realidade exposta em pesquisas como a de Silva (2016, p. 107) que aborda a perspectiva. “[...] Eles obtêm grande reconhecimento pelo grupo, bem como os ‘ex-pajés’, convertidos ao protestantismo, atuantes na cura, mas possuídos agora pelo espírito santo”. Dentro do contexto, observamos que para se reconformar identidades indígenas mediante preceitos cristãos há gamas formativas de experiências e adaptações relacionadas à nova realidade. “Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo. Para determinado indivíduo, pode haver identidades múltiplas, que também podem ser formadas a partir de instituições dominantes (CASTELLS, 1999, p. 23).

Particularidades socioculturais com a comunicação

No exercício de reflexão sobre a ligação de nativos Suruí com o ambiente em que vivem e ainda a partir de interações e conjunções com a comunicação, especificamente no tocante a pajés da etnia, é importante considerar o contexto sociocultural no qual estão inseridos, fazendo-se necessário compreender engendramentos entre humanos e extra-humanos. No filme, podemos observar a interação de Perpera com a natureza, com bichos e plantas. Depois do incidente com a índia (in Ex-Pajé, 2018, 01’35”, em que ele afirma só um guerreiro Paiter de verdade pode enfrentar este espírito). Neste trecho é perceptível como ele não deixou o xamanismo morrer em si.

Interpretando o momento, temos que quando Beltrão discorreu sobre a fé dos fiéis ao fazer o ato dos *ex-votos* em sinal de comunicação, ele observou que sua troca de informações em nível interacional englobava conhecimentos racionais e também o imaginário. Portanto, a comunicação tende a servir, de modo específico, nessa seara, para análises sobre relações e interfaces, que podem vir a receber o nome de “fé”. É a fé nos espíritos que habitam a floresta ou a fé no Deus dos ocidentais? Bem, seja ela de que forma for, o ser humano crê em algo além do que os olhos podem ver. E com o pajé não difere. A sua forma humana busca a comunicação com os humanos ao seu redor.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

No entanto, na perspectiva animista o mundo é habitado por diversos seres de diferentes formas, que também se comunicam.

[...] considera-se que o mundo é povoado por seres com subjetividades idênticas a dos humanos, sendo diferenciados por seus corpos e os hábitos e capacidades deles decorrentes. Mas não é qualquer indivíduo que tem a capacidade de transitar entre essas outras subjetividades e comunicar-se com elas. Esse é um papel, uma habilidade que cabe ao xamã. [...] o xamã como um mediador entre o mundo humano e não-humano – ou sobrenatural ou dos espíritos (NOBRE, 2016, p. 291).

O xamã é capaz de decifrar o modo como bichos e gentes se comunicam. Essa forma de se relacionar com animais, como se fossem pares (*os outros*), para os ocidentais e principalmente no contexto religioso é considerada blasfêmia. Para nativos Suruí, assim como ameríndios de modo geral, é algo comum. E ainda que Perpera estivesse frequentando a igreja cristã, espíritos que habitam as matas e os rios não deixaram de se comunicar com ele. “Os espíritos da floresta estão me batendo. Estão bravos por conta da igreja. Não quero dormir no escuro” (PERPERA in *Ex-Pajé*, 2018, (1’51’’).



Figura 2. Perpera Suruí, cena de *Ex-Pajé*. 2018. Buriti Filmes.
Fonte: Culturadoria

Perpera age no filme não somente como curandeiro, mas como o mediador. Em uma das cenas de pesca ele atua como se fosse uma negociação com o espírito que habita os rios. “Quando eu era pajé o espírito que habita os rios trazia muitos peixes pra



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

mim” (Perpera in *Ex-Pajé – Trailer Oficial*, 2018,). Na sociedade ocidental, humanos convivem em boa medida respeitando o espaço alheio ao seu e, dessa forma, a sociedade segue equilibrada. E ao menos em teoria essa perspectiva é válida! Os animais, na visão indígena, não diferem dessa norma, já que todos convivem num mesmo ecossistema. O ciclo da caça “pode tornar-se também uma situação de troca, uma relação social” (NOBRE, 2016, p. 294).

Diante do exposto, compreende-se que a pajelança ou o xamanismo estão fora do entendimento ocidental moderno, como diria Boaventura (2010), visto que a comunicação e a relação do pajé com a natureza preservam a comunicação de habitantes da floresta, o que para o entendimento cristão, ocidental principalmente, não condiz com as normas religiosas.

Observamos que as relações entre o índio, o seu hábitat, a sua cultura e a sua ancestralidade coexistem no ecossistema da Folkcomunicação, contribuindo para uma ampliação antropológica.

A Folkcomunicação vem preencher uma lacuna teórico-metodológica na América Latina, dando suporte às pesquisas comunicacionais, verificando como se processa a difusão de informações na comunicação popular. Dessa maneira, a Folkcomunicação pode ser utilizada, não somente no contexto latino-americano, mas em contextos que compartilhem da mesma realidade de subdesenvolvimento e que, através das manifestações folclóricas, possam gerar o desenvolvimento regional (AMPHILO, 2012, p. 07).

Uma cultura tão rica e presente em nossa contemporaneidade, como a indígena, apresenta muito mais que um arcabouço de resistência. Trata-se de uma complexidade multidiversa, na qual se misturam passado e atualidade em função de historicidades vindouras. Nessa perspectiva, é preciso crer que a folkcomunicação é uma teoria que nos permite exatamente essa leitura de mundo, do mundo interacional de humanos e extra-humanos. Nesse sentido, Luís Beltrão deu sua contribuição para a teoria da comunicação com o aporte *folk* às noções interacionais da vida, analisando no período ditatorial a violência do governo com o povo e a dualidade da sociedade.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Considerações Finais

A pesquisa buscou percorrer sobre adaptações de indígenas em seus ambientes e os processos comunicacionais sob a ótica da folkcomunicação. Entendemos que nesse processo de comunicação o silêncio de indígenas em razão de avanços cada vez mais vorazes de religiosidades cristãs contribui para o silenciamento da própria identidade de nativos.

No filme, pudemos observar essa dualidade em Perpera, que mantém acanhada sua sabedoria sobre a pajelança e como isso modificou a forma como ele se comunica com os demais. O documentário de Roberto Bolognesi trouxe à tona essa violência cultural exacerbada, que distancia cada vez mais indígenas de suas memorialidades.

Referências

AMPHILO, Maria Isabel. **A Gênese da Folkcomunicação**. São Paulo, Brasil. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1545/1092>. Acesso em: 20 mai. 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

COTRIM, Gilberto, 1955 – **História Global : Brasil Geral – volume único** (Ensino Médio – I) São Paulo – Saraiva – 2002.

DESCOLA, Philippe. 'Beyond Nature and Culture', Proceedings of the British Academy, volume 139, pp. 137-155. © British Academy, 2006.

Ex-Pajé. Buriti Fimes. Documentário. Duração: 80 min. Brasil. Direção: Luiz Bolognesi. Gullane. 2018.

Ex-Pajé | Trailer Oficial | Direção Luiz Bolognesi | 26 de abril nos cinemas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6mochAbVT_Y. Acesso em: 20 maio de 2018.

Ex-Pajé | Trecho de Cena | Direção Luiz Bolognesi | 26 de abril nos cinemas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVWwYH1CB20>. Acesso em: 20 maio de 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Les Structures élémentaires de la parenté. Paris, Presses universitaires de France, 1949; nova edição revista, La Haye-Paris, Mouton, 1968.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Anthropologie structurale* (Antropologia estrutural, Paris, Plon, 1958; numerosas reedições. Pocket, 1997.

MARTINS, Júnia Mara Dias. **Manifestações folkcomunicacionais como propulsoras de empoderamento social no Ponto de Cultura Estrela de Ouro, em Aliança-PE** / Júnia Mara Dias Martins.- João Pessoa, 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos** / Luís Mauro Sá Martino. 5 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. [organizado e coordenado no âmbito da Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e do Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

RODRIGUES, Renan Albuquerque; FEARNSSIDE, Philip Martin. **Índios Waimiri-Atroari impactados por tutela privada na Amazônia Central**. *Novos Cadernos NAEA* 17(1): 47-73, 2014.

SCHWADE, Egydio. Le prix des grands projets en Amazonie: L`extermination des Waimiris-Atroaris. **Recherches Amérindiennes au Québec**, v. 20. n. 2, 1990.

SCHWADE, Egydio; SCHWADE, T. M. M. (Orgs.). Entrevista com Raimundo Pereira da Silva sobre a construção da BR-174. Presidente Figueiredo, 11 de outubro de 2012. In: SCHWADE, E.; REIS, W. B. (Orgs.). **1º Relatório do Comitê Estadual da Verdade - o genocídio do povo Waimiri-Atroari**. Comissão da Verdade. p. 92, 2012. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/a_pdf/r_cv_am_waimiri_atroari.pdf>. Acesso em: 20 maio de 2018

SCHWADE, Egydio; REIS, Wilson. (Orgs.). **1º Relatório do Comitê Estadual da Verdade - o genocídio do povo Waimiri-Atroari**. Comissão da Verdade. p. 92, 2012. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/a_pdf/r_cv_am_waimiri_atroari.pdf>. Acesso em: 20 maio de 2018

SOUSA, Boaventura de Santos, Maria Paula Meneses. **Epistemologias do Sul**. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. Org. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2010.

SILVA, Lucielma Lobato. **Pajé, Aqui? Não: Um estudo das mudanças e permanências dos cultos de pajelança nas ilhas de Abaetetuba-Pa**. 2016. Escritas. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/issue/view/155>. Acesso em: 21 mai. 2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

NOBRE, Felipe Nunes. **Ontologia ameríndia e as relações entre xamãs e animais nas terras baixas da América do Sul.** Tessituras, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 280-305, jan./jun. 2016.